

CORPORAIS INTERPENETRAÇÕES.

Jomard Muniz de Britto

Imaginem os tabus do corpo desaparecendo em louvor do *amor líquido*, das pulsões gasosas e das imanências que não se querem transcendência de vagas notícias da loucura e da espiritualidade.

Imaginem e interpretem a psicanálise selvagem transfigurando-se através da pintura de Gustave Courbet, *Origem do Mundo* (1866).

O fulgor estético do corpo feminino à espera do falo fulgurante.

Imaginem tudo além e aquém do *terceiro sentido* da amorosidade.

O visível transbordando imagens, signos, significações.

Outras estórias do olhar tão plural em singularidades: do tátil às deliciosas oralidades. Nenhuma imaginação se reprime ou comprime.

O grande desafio para qualquer escrita, diante de fotos exuberantemente denotativas, é a de não ser redundante e replicante.

Vã, inútil, banal, qualquer tentativa descritiva, de narrar signos ocultos de tão explicitados. Ou ensaiar imitações ao pé da letra.

Tudo ou quase tudo – sujeitos e objetos da pesquisa extasiante de João Lobo – pode ser muito melhor lido, sentido, visualmente in-ter-pe-ne-tra-do, sem a retórica silenciosa e gloriosa das palavras, termos, conceitos. E, sobretudo e todos, dos preconceitos moralistas, dos fundamentalismos e das perseguições normativo-medicinais.

Estando e sendo desafiada a escrita canônica, modelada,

talvez seja mais fecundo investir nas *escrituras* e até nas escriDURAS

enquanto agenciamento de subjetividades em processo e mutação.
Se o acaso é deus, o que aconteceria com a sexualidade?
O que desejam, o que pro-metem, o que fantasiam, o que querem
esses homens e mulheres do planeta sempre em crise?
As fotos olham para nós, sobre nós, a nosso fervor. Sem pudicícia.
Transpõem sombras, medos, ameaças de nossos recalques.
Fazem o jogo da trapaça com nossas autocensuras e castrações.
Os personagens clicados sorriem de nossos complexos familiares,
de nosso passado tão *familionário* de proibições.
Esqueceram de nós com papai-mamãe. Perderam os catecismos e
etiquetas. Duvidaram dos infernos e dos mirabolantes supereus.
Ególatras donzelices.
O mestre João Lobo reinventou o lugar certo onde colocar e deslocar
a encenação dos desejos mais fogosos. Adeus, amores líquidos.
Adeuses amores sólidos e gasosos. Aos deuses sem perdão nem pecado.
Imaginem o tempo da violência e crueldades concedendo espaço aberto
às possibilidades do jogo da inocência e delicada perversão.
Persigo a delicadeza da jovem dama com seu chapéu e leve sorriso nos
convidando por um olhar de gozo co-participante. Quem resistiria?
É preciso insistir na anti-retórica das palavras JOGO e DELICADEZA.
Pois tudo é saudável brincadeira, assim como palavra puxa
palavra, desejo ex-buraca desejos, fantasias, sonhos despertos.
Ver é gozar?

Olhar é fruir?

Sentir é interpenetrar?

Fotografar é reinventar fotogenias?

Tudo é jogo porque tudo é precisamente ensaiado, fluindo e fruindo.

Tudo nos arrebatava em teatralidade. Lições, leituras, recorrências pelo abismo de nossos delírios, imaginários, cumplicidades, taras puramente sublimadas. Nossos corpos enquanto mapa do céu.

A câmara absorve gestos tão lisos e reluzentes como se fôssemos anjos de Rilke em Nelson Rodrigues. Como se fôssemos o esplendor da fotogenia e da amorosidade.

Nenhum beijo.

Nenhuma bofetada.

Nenhuma supérflua ou adjetivosa dramaticidade.

No redemunho de nossa tragicomédia de falos e folias e fantasmagorias.

Imagem – desde que toda escritura, escrita é promessa de impactos – um embate-dueto-duelo-diálogo entre falos caprichosos e vaginânus em busca de uma totalidade processual, além e aquém das camas, camarins, divãs, oratórios... E dos misticismos do Kama Sutra em A COMUNA. Com e sem a senhorita K. de Kafka.

Entre parênteses: imaginem James Joyce e Guimarães Rosa face a face ao neologismo: Vaginânus.

Nesse dialogismo falovaginal em cada cena, foto-encenada, vivenciamos a ultrapassagem dos fragmentos prazerosos com intencionalidade para o

Uno, a Unidade, a Totalidade jamais totalitária. É necessário persistir na *palavração*: d i a l o g i s m o. Superposições dele, dela, nossas.

Interações do masculino feminino neutro, sem vírgulas nem maiúscula.

Fusões corporais. Gestualidades brincantes. Antropofagias simbólicas.

Canibalismo amoroso, segundo e terceiro o poeta mineiro Affonso

Romano de Sant'Anna. Imanências do gozo pelo mais gozar.

Imaginem todos os falos e falas do corpo que te queremos verbo multiplicando-se carne.

Ela sobre ele *bem dentro* (José Cláudio) da insustentável leveza de ser prazer consentido: poliédrico, polimórfico, polifônico.

Com meias transparentes, ambos olham para nossa máquina desejante, abençoando-nos nesse ritual de pura lascívia, encantamento primaveril.

Insistimos no adjetivo puro, de pureza. Puramente desejo desejante.

A língua na boca sem limitações, idiomas repetitivos, convenções gramaticais. Impossível deslindar o poder do falo, dele e dela, nosso.

A potência da vaginânus: corpo de buracos múltiplos, sedentos, inesgotáveis.

Semioses interpenetrantes. Tudo pulsando em todos os poros.

Imaginem na sexy-encenação em grupo qualquer toque de carnavalismo.

Assim canibalizamos outra rima para dialogismos: livre trânsito

amorável, libidinoso: um é pouco, dois é bom, três e quatro podem ser muito melhor. Sejam sutilmente sacanas.

A presença de uma cortina reforça, pela *escritura*, o teor da encenação.

A mise-en-scène transfigurando-se em mise-en-abîme. Sigamos a teatralidade no cotidiano das liberações. Todo desejo é abissal, surpreendente, desnorteador, complexo, falocrático em última e primeira instância ou instantâneo da eternidade. Imaginem um ponto de interrogação.

O essencial é invisível?

Além do chiste interpretado por Freud e do aforismo exupériano. Este nosso LIVRO de João Lobo replica a VISIBILIDADE desejada pelo Príncipe Mallarmé ou pelo Marquês de Sade no Kama Sutra do universo? Imaginem que tudo continua sendo parodiado como divino-maravilhoso. Pelo lobo do lobo e dos lobisomens da loba de Roma. Ou do BRASILÍRICO.

Talvez no conjunto das fotos, queiramos ou não, a potência do falo masculinista seja preponderante em todos os empoderamentos. Talvez como autodefesa escritural. Oriente e Ocidente, essencial e acidentalmente, interagem na cama, nos divãs da psicanálise selvagem e pelo Kama Sutra dos menos devotos.

Um Livro, este de João Lobo, de Arquivo e Atualizações. Memórias do passado no presente em processo. Fotografias-encenações-digitalizações: corpori-ficações que se conjugam enquanto móveis, esculturas imaginárias, instalações, alegorias, instaurações, grafitagens e gestualidades em transe.

Perucas e maquiagens, roupas aristocráticas de uma belle époque, mãos acariciantes, sem esquecer o detalhe da mesinha nas próximas intimidades...

Tudo virtualmente reconstruindo-se pelas minúcias, um olhar de soslaio, um sorriso maroto, os músculos em prontidão.

Todos os elos, nós, anelos, fissuras, complementos, suplementos, doações.

Nós da realidade em dialética e dialogismo do popcreto hiperrealista.

Nós do real mas EXburacado na devastação dos imaginários.

Nós do LIVRO de nossos enigmas, dúvidas, delírios e dádivas.

Quase todos – elas e eles, lobos e cordeirinhos, cobras e maçãs – revisitando paraísos perdidos em busca do tempo reencontrado.

Quase todos nos olham, intencionalmente, como se estivéssemos participando da mesma e sempre outra orgia fenomenológica.

Pelo artesanato das fotos reproduzidas em tons de antiquário e pelas digitais intervenções transformativas – do realismo mais naturalista ao abstracionismo transfigurador – João Lobo conseguiu que a nossa PARAIBARROCA atingisse a maioria do orgasmo pornô-eros-gratiFICANTE.

Pelo essencial do desejo desrecalcado.

Pela invisibilidade das metacensuras e metalinguagens.

Recife, abril, 2008